

# As Forças Armadas e a Amazônia

MANUEL CAMBESES JÚNIOR\*

O processo de desmantelamento das Forças Armadas, segundo os neoliberais alinhados com a Nova Ordem Mundial, tornou-se evidente a partir do término da bipolaridade. A nova doutrina do Pentágono tenta desviar as Forças Armadas de países latino-americanos de suas nobres funções protetoras de seus Estados, ocupando-as em sustentar uma possível vocação de mobilidade das fronteiras norte-americanas.

Tal fato torna-se evidente quanto ao alto nível de aceitação dessas forças, em relação ao ambíguo papel que lhes foi imputado no combate ao narcotráfico e na "diminuição da violência". A sociedade e os militares sabem que a violência, não somente no Rio de Janeiro mas no país inteiro, provém principalmente da injustiça social, da concentração de riquezas, do desemprego e dos baixos salários. A entrada de armas pesadas e de tóxicos resulta da inoperância do governo federal.

No Brasil, a redução drástica do papel das Forças Armadas atinge níveis altamente preocupantes. Além dos mecanismos impostos pelo novo ordenamento internacional, permanecem latentes, ainda, algumas reminiscências de revanchismo relativas ao longo período que os militares ocuparam o Poder. A desastrosa administração Collor, àquela época, já recebia orientação alienígena sobre a importância do esvaziamento do papel das Forças Armadas, em que pese o engodo de ter promulgado a Lei Complementar 69, de 13 de

julho de 1991, que atribuía ao segmento militar importante parcela de participação no desenvolvimento nacional.

No momento, a delicada questão de "parcerias", pleiteada pela Secretaria de Comércio Americano, no que respeita ao monopólio das comunicações e do petróleo, caminha a braços com as propostas de emenda da Constituição. Estes fatos, ao coincidirem com possível monitoração externa da Amazônia – em que se planeja a presença física de tropas na região, sob o torpe pretexto de "proteção" a grupos indígenas – obriga o Brasil a reverter a situação caótica e de penúria das nossas Forças Armadas antes que seja tarde.

Coube a Tisserand, acadêmico chegado à Corte Napoleônica e seguidor da tese de Chevalier, oficializar o termo América Latina ao batizá-lo em famoso artigo de sua autoria. Em 1865 chegou ao fim a Guerra de Secessão americana com a vitória do Norte e a consolidação da União. A partir deste momento a vida nesta parte do planeta voltou a restabelecer-se, e passou a colidir com qualquer ambição imperialista proveniente da Europa. Por sua vez, o regime de Napoleão III veio abaixo como resultado de seu enfrentamento com a Prússia, em 1870.

Muito curiosamente a denominação América Latina sobreviveu a estes problemas e terminou sendo adotado como novo símbolo de identidade regional. É certo que muitos intelectuais da época se oporiam ao conceito emergente, como é o caso do chileno José Victorio Lastarria que,

veemente, falava do "absurdo de sermos latinos". Não obstante, dada sua origem e conotações imperialistas, resultou surpreendente a pouca resistência e fácil assimilação que encontrou o termo.

A razão disto podemos encontrá-la em uma potente corrente intelectual que buscava desfazer-se de tudo quanto nos identificasse com o nosso passado ibérico. Não há como esquecer, entretanto, que desde o momento em que se consolidou a independência em países da região, as aspirações de modernização tenderam a afirmar-se em contraposição à herança ibérica, determinando uma nova corrente de pensamento nesta plagas. Ademais, o fim da era de Napoleão III coincidiu com o surgimento, em nossa América, de um poderoso movimento positivista.

Este buscou romper definitivamente com as matrizes culturais e políticas as quais eram identificadas com a anarquia e a barbárie para afiançar as noções de ordem e progresso. É o momento em que os intelectuais, deslumbrados pelo exemplo dos Estados Unidos e pelas idéias que circulavam em Londres e Paris, buscavam recriar a América Ibérica sobre novas bases. O conceito de América Latina que nos aparentava diretamente com as matrizes civilizatórias ocidentais teria por força que ser bem recebido.

Desta maneira, curiosamente, nos transformamos em latino-americanos retegendo argumentos muito mais convincentes de nossa origem ibero-americana.

\*Coronel-Aviador da reserva, membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra

Class.	
Data	6/1/99
Pg	9
Fonte	JB
SOCIOAMBIENTAL	
DOCUMENTAÇÃO	
INSTITUTO	